

## DOCÊNCIA E PESQUISA: REFLEXÕES PARA UMA PRÁTICA EDUCATIVA AUTÔNOMA

Ana Paula Moraes Santos Souza <sup>1</sup>  
Iarla Antunes de Matos Arrais <sup>2</sup>  
Cicera Sineide Dantas Rodrigues <sup>3</sup>

### RESUMO

A formação continuada associada à pesquisa na prática docente é tema central desta pesquisa. Processo formativo contínuo e pesquisa devem estar atrelados, ambos precisam acontecer no exercício do magistério, mas muitos obstáculos são encontrados no dia a dia das escolas públicas para que elementos tão necessários à docência sejam experienciados. A pesquisa aborda, por meio das narrativas de 2 (duas) professoras de uma escola pública de Tarrafas-CE, as dificuldades para o desenvolvimento de uma prática docente investigativa, a precariedade ou ausência de formação continuada sistematizada e os possíveis caminhos para que os problemas citados sejam sanados ou ao menos atenuados. O objetivo central do estudo é analisar as condições de formação continuada e de pesquisa na prática docente que são oferecidas às professoras em uma escola municipal de Tarrafas no Ceará. A investigação é de natureza qualitativa, do tipo bibliográfica e de campo. Os dados apresentados nos resultados foram produzidos através da entrevista semiestruturada e analisados com auxílio do software Iramuteq, na oportunidade foram empregadas as análises da nuvem de palavras e da similitude. A base teórica se fundamenta em Demo (2006), Freire (2022), Tardif (2020), Franco (2012, 2019), Imbernón (2009), entre outros. Por meio do estudo, foi possível perceber as situações que são adversas às necessidades formativas e as possibilidades de pesquisa na prática das professoras, assim como criar um espaço de fala para estas docentes refletirem e compartilharem suas ideias sobre as mudanças que a educação pública precisa.

**Palavras-chave:** Formação Continuada, Pesquisa, Escola, Pedagógico.

### INTRODUÇÃO

O cenário educacional brasileiro tem passado, nas últimas décadas, por importantes transformações, uma delas foi a relevância atribuída à formação acadêmica docente e a permanência dessa formação. Nesse sentido, é essencial dialogar, teoricamente, sobre os conceitos de formação continuada, como e quando ela acontece e as transformações percebidas na prática docente por meio da formação continuada.

Inicialmente, cabe esclarecer que, neste espaço, receberá a denominação de formação continuada ou permanente todas as experiências formativas após a formação inicial – primeira licenciatura, assim pode-se entender como formação continuada uma

---

<sup>1</sup> Mestra pelo Curso de Educação da Universidade Regional do Cariri – CE, [ana.moraes@urca.br](mailto:ana.moraes@urca.br);

<sup>2</sup> Pós-graduanda em Gestão Escolar pela Universidade Regional do Cariri (URCA), [iarlaantunesmarrais@outlook.com](mailto:iarlaantunesmarrais@outlook.com);

<sup>3</sup> Doutora pelo Curso de Educação da Universidade Estadual do Ceará – CE, [sineide.rodriques@urca.br](mailto:sineide.rodriques@urca.br).

segunda graduação, cursos de pós-graduação – especialização/mestrado/doutorado, cursos de aperfeiçoamento da área, planejamentos na escola, troca de experiências com colegas de trabalho, atividades investigativas em sala de aula, entre outras atividades que se assemelhem a estas. A intenção é apontar a formação continuada em suas multiplicidades e o quanto cada uma delas pode impactar a práxis docente.

O objetivo central do estudo respaldou-se em analisar as condições de formação continuada e de pesquisa na prática docente que são oferecidas às professoras em uma escola municipal de Tarrafas no Ceará.

Tarrafas é um município localizado no interior do Ceará, que se tornou independente em 1987. Antes de sua emancipação política fazia parte de Assaré - CE. De acordo com o IBGE de 2022, sua população é de 7.529 pessoas. O município se desenvolveu ao redor da sua primeira escola, e possui um destaque na educação, atualmente a maior parte do corpo docente é composta por professores concursados.

A seguir, desenha-se o referencial teórico que compõe a pesquisa bibliográfica desta investigação. Na oportunidade, teceu-se discussões sobre formação continuada de professores, pesquisa e docência.

## **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM OLHAR PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA**

A formação docente precisa ser repensada, ganhar novas estruturas e começar a atribuir importância para os pares, diminuir a distância entre os/as formadores/as e os/as professores/as, para que cada professor/a se perceba ator/atriz e autor/a em seu percurso profissional. Para o/a professor/a é necessário um trabalho de parceria em seu cotidiano, um diálogo com outras áreas, outros pensamentos, novas ideias, pois estas vão reelaborando uma nova perspectiva para o trabalho do magistério. Para que essa valorização seja validada é necessário que a formação continuada de professores/as seja parte integrante da profissão,

A frase que escolhi para subtítulo—é preciso passar a formação de professores para dentro da profissão—soa de modo estranho. Ao recorrer a esta expressão, quero sublinhar a necessidade de os professores terem um lugar predominante na formação dos seus colegas. Não haverá nenhuma mudança significativa se a ‘comunidade dos formadores de professores’ e a ‘comunidade dos professores’ não se tornarem mais permeáveis e imbricadas. (Nóvoa, 2009, p.17)

Com isso, percebe-se como o trabalho em parceria é valioso para a reflexão-ação do/a professor/a em exercício, essa insuficiência no campo do trabalho coletivo se configura como um obstáculo que precisa ser transposto, como tantos outros que atingem os percursos formativos. Se faz urgente a defesa de uma nova perspectiva de formação para os/as professores/as que, muitas vezes, mesmo com formação inicial concluída e ao se inserirem na formação continuada, não têm suas necessidades atendidas.

Dessa forma, é preciso se pensar em um percurso de formação permanente que atenda aos anseios docentes, culminando em uma formação individual e coletiva. É imprescindível compreender que, “A formação ocorre num jogo dialético de dentro para fora e de fora para dentro; da prática para a teoria e vice-versa; do empírico para o conceitual; do particular para a totalidade” (Franco, 2019, p. 99).

A formação continuada, além de favorecer o desenvolvimento cognitivo, ampliação das aprendizagens de cunho teórico, uma profissionalização de qualidade, também deve primar pelo desenvolvimento atitudinal e de autoestima dos docentes, uma vez que, enquanto subjetivos precisam inserir-se nesse cenário de relações de afeto e de empatia. Assim,

A formação do professorado no desenvolvimento de atitudes será fundamental. A formação deve ajudar a estabelecer vínculos afetivos entre o professorado, a saber: trabalhar com as emoções, motivar-se, reconhecer a emoção dos outros professores e professoras, já que ajudará a conhecer as próprias emoções e permitirá situar-se na perspectiva do outro (desenvolver uma escuta ativa, mediante a empatia e o reconhecimento dos sentimentos do outro), sentir o que o outro sente. E, sobretudo, a desenvolver a autoestima docente. (Imbernón, 2009, p. 103)

Outro aspecto considerável é combater as lacunas que persistem entre a formação e a prática docente, pois constantemente vislumbramos formações verticalizadas que não atendem a necessidade de quem as recebe ou apenas com uma pauta de cobranças e em nada contribuem para o trabalho em sala de aula.

A formação distanciada da prática docente deveria ser reduzida, pois nesta primam os aspectos quantitativos sobre os qualitativos e possuem um marcador de caráter individualista de origem em modelos transmissivos de caráter tecnocrático, mercantilista e meritocrático por potencializar uma formação mais ligada à prática e que fomente a autonomia do docente na gestão de sua própria formação. (Imbernón, 2009, p. 47,48)

Nessa perspectiva, se faz urgente refletir sobre a concepção de que a carreira docente tem a necessidade de ser construída a partir de práticas reflexivas (práxis), que dialoguem com o cotidiano e a realidade do/a aluno/a, ao mesmo tempo em que não

sejam desprovidas de teoria, de recursos metodológicos ricos e incentivadores tanto para alunos/as quanto para o/a próprio/a professor/a. Desse modo é imprescindível que o/a professor/a esteja permanentemente inseridos em percursos formativos continuados significativos que se aproximem da realidade docente.

Embora há muito o que ser ressignificado, no final do século XX, a formação permanente do professorado galgou importantes avanços e dentre eles estão um conhecimento maior acerca da prática reflexiva e os planos de formação institucionais (Imbernón, 2009). Diante o exposto surge a inquietação em compreender como essa reflexão sobre a prática e esse processo de formação impacta de forma a ressignificar o trabalho pedagógico dos docentes envolvidos nessa atividade. Sob essa perspectiva, outras formas de ensinar e de aprender devem ser consideradas e adotadas, outras rompidas e essa tomada de consciência deve acontecer por meio da educação e da formação de professores/as.

Desse modo, é plausível a defesa de que as formações devem ser construídas por meio de um trabalho direcionado à criticidade e à reflexão sobre as práticas pedagógicas e não simplesmente por acúmulo de informações e conhecimentos.

O/a professor/a precisa ser possuidor de um saber pedagógico que expresse o trabalho desenvolvido em sala de aula e esses saberes devem ser adquiridos ou aprimorados, em parte, nos cursos de formação profissional, seja essa a inicial e/ou a continuada. Como indica Lima (2001, p. 45), “[...] partimos da rede de relações que envolve a prática dos professores: o conhecimento, a instituição, o coletivo, os alunos, a organização escolar, as relações de trabalho, a política educacional na sociedade e o momento histórico [...]”. A pesquisadora defende ainda que a formação contínua se constrói em um processo de conexão entre o trabalho docente, o conhecimento e o seu desenvolvimento profissional, enquanto capacidade reflexiva impulsionada pela práxis.

Consoante a esta afirmação, entende-se que a docência não se restringe simplesmente à prática, mas à reflexão teórica que é feita sobre essa prática. Uma vez que constitui um campo amplo de relações, não podendo estar submissa a restrições e a apropriação do saber pedagógico é de suma importância neste processo de práxis.

Entende-se, assim, que as formações continuadas para o professor devem ter uma contribuição importante ao que se refere à sua qualificação profissional, contribuindo com uma prática docente reflexiva. Com isso, é possível refletir sobre a qualidade do ensino, uma vez que ambos, ensino e docência, estão atrelados e a qualificação docente significa a qualificação do ensino.

Freire (2022), em sua obra *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, escreve um subcapítulo em que defende que ensinar exige reflexão crítica sobre a prática. Diante disso, pode-se defender que essa reflexão crítica precisa ser construída em um processo de reflexão contínuo, por isso “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (Freire, 2022, p. 40).

Compreender esta prática docente como crítica no bojo da formação continuada é apreendê-la como complexa e que se estrutura a partir de muitos elementos. Conforme Pimenta (2012), nas práticas docentes existem elementos bastante importantes como a problematização, a intencionalidade de solucionar situações, a experimentação de metodologias, o enfrentamento de situações de ensino complexas, as tentativas intituladas como radicais, ricas e sugestivas de uma didática que busca inovar, embora ainda não se encontre configurada teoricamente.

Saviani (2001) apresenta a ideia de que a formação continuada não deve se restringir à busca por resolução de problemas específicos de sala de aula, mas contribuir para que o professor ultrapasse a visão compartimentada da atividade escolar e passe a analisar os acontecimentos sociais, contribuindo para sua transformação.

Todos/as os/as autores/as indicam que diversos fatores permeiam o campo da formação continuada e dialogam com a ideia de que para se construir uma práxis é preciso ter autonomia, romper obstáculos, questionar e elaborar conceitos sobre o mundo que o cerca.

## **PESQUISA E DOCÊNCIA: UM ENTRELAÇAR EMANCIPATÓRIO**

A prática docente revela aquilo que o/a professor/a acredita, pois, esta prática pedagógica é carregada de crenças e de vivências, ela não é neutra, mas reflete a essência do/a professor/a e da sua formação. Para a discussão da categoria, será enfatizado o que alguns/as autores/as registraram sobre a pesquisa atrelada à docência, sobre o que é ser um/a professor/a pesquisador/a e quais contributos pode proporcionar aos/às seus/as alunos/as.

Antes é necessário desmistificar alguns ritos que envolvem o conceito de pesquisa e de pesquisador. Ainda há a ideia de que pesquisar é um atributo designado a poucos, aqueles que estão academicamente preparados, que detém muitas técnicas científicas de

pesquisa. Para o/a professor/a resta a função de dar aulas com base nas pesquisas realizadas por outros. Essa separação favorece a falsa ideia de que ensino e pesquisa estão desassociados e que um pode se estruturar assertivamente em detrimento do outro.

Docência e pesquisa precisam coexistir, pois nesse movimento é tecida a emancipação docente e, conseqüentemente a do/a aluno/a, equipando-se de ferramentas de autoria, de reelaboração da realidade que o cerca e compreendendo a importância da ciência em seu dia a dia. Se não acontecerem simultaneamente, dificilmente alcançará seu objetivo de emancipar criticamente os/as alunos/as por meio de atividades de pesquisa.

Constantemente o/a professor/a precisa reelaborar muitos conceitos, diversos conteúdos que fazem parte de seu trabalho, mas se este/a apenas recebe de maneira técnica e repassa para seus/as alunos/as não terá importância nem para um nem para outro, sendo que, “Na verdade, noções tão vastas quanto as de Pedagogia, Didática, Aprendizagem, etc., não têm nenhuma utilidade se não fizermos o esforço de situá-las, isto é, de relacioná-las com as situações concretas do trabalho docente” (Tardif, 2020, p. 115).

Este trabalho de situá-las, de compreendê-las e ressignificá-las de acordo com a realidade é um movimento de pesquisa. É no exercício sobre a prática que a pesquisa acontece, compreendendo isso, “[...] a prática docente não se submete ao exercício acríptico de procedimentos didáticos e/ou metodológicos. Ela é sempre mais que o visível das ações técnicas de um professor na sala de aula” (Franco, 2012, p. 185).

Todavia, no cotidiano de algumas escolas vê-se professores/as que simplesmente repassam conteúdos e exercem um trabalho mecânico, esvaziado de criticidade, de reflexividade, de autonomia. Talvez esses/as profissionais não tenham sido preparados/as em sua formação inicial e continuada a pensar a docência e a pesquisa como inseparáveis, como possíveis. Dessa forma, é necessário que haja uma reformulação nos programas de formação de professores/as e se quebre essa ideia de que professor/a é uma coisa e pesquisador/a é outra.

Pesquisa é processo que deve aparecer em todo trajeto educativo, como *princípio educativo* que é, na base de qualquer proposta emancipatória. [...]. O caminho emancipatório não pode vir de fora, imposto ou doado, mas será conquista de dentro, construção própria, para o que é mister lançar mão de todos os instrumentos de apoio: professor, material didático, equipamentos físicos, informação. (Demo, 2006, p. 16, 17)

Seguindo nesta direção, o/a professor/a não é apenas quem ministra aulas e o/a pesquisador/a não se resume a acumular dados mensurados, mas ambos devem sempre questionar a realidade e ter a convicção que qualquer conhecimento é apenas um recorte que pode ser ressignificado, reelaborado, refutado para que novos surjam. Alguns

impasses são responsáveis por essa dicotomia entre ensino e pesquisa, uma delas deve-se a “diferentes concepções de prática docente, e, [...], a mais usual é aquela associada a concepção tecnicista, que considera a prática docente como uma sucessão de procedimentos metodológicos previamente prescritos e planejados que devem ser executados pelo professor” (Franco, 2012, p. 184).

Quando isso ocorre coloca em fragilidade as práticas educativas inovadoras e para fortalecê-las, suas bases teóricas precisam ser debatidas e apreendidas. Por conseguinte, a/o docente terá sua prática transformada pela curiosidade criativa que move o ato de pesquisar e não pelo que acha, mas pelo que os embasamentos teóricos construíram, para que fosse analisado, compreendido e ressignificado.

## **METODOLOGIA**

Esta é uma pesquisa qualitativa, a qual alcança concretude por meio do instrumento da entrevista semiestruturada, composta por alguns questionamentos, dos quais serão analisados 2 (dois), sendo que possuíam desdobramentos pertinentes ao objeto investigado neste trabalho.

Foram entrevistadas 2 (duas) professoras de uma escola pública do município de Tarrafas/CE. As docentes trabalham em turmas de Ensino Fundamental - Anos Finais e ministram aulas na disciplina de Língua Portuguesa. Para preservar a identidade, as professoras serão apresentadas como Professora Souza e Professora Leite.

As narrativas produzidas durante as entrevistas foram gravadas, mediante anuência, transcritas, validadas pelas entrevistadas e analisadas por meio do software Iramuteq. Esta ferramenta é gratuita e pode ser utilizada para análise de corpus de pesquisa sob diferentes processamentos lexicais e textuais. Nesta pesquisa, foram usadas duas análises, a de nuvem de palavras - apresenta a frequência em que as palavras aparecem no corpus de pesquisa - e a de similitude – considera a conexão entre as palavras, estabelecendo agrupamentos entre palavras que se relacionam (Camargo; Justo, 2018).

Para analisar as possibilidades de desenvolver uma prática pedagógica alicerçada na pesquisa, as perguntas feitas às professoras foram as seguintes:

1. Em sua percepção, a escola em que você trabalha oferece condições para o desenvolvimento de uma prática docente investigativa, considerando a formação de professores e condições de trabalho? Quais dificuldades encontradas?

2. A partir da sua compreensão, aponte possibilidades para o desenvolvimento de uma prática investigativa na docência, considerando a educação básica.

A seguir serão apresentados os resultados da análise das respostas obtidas na pesquisa.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira pergunta feita desdobrou-se em duas, “Em sua percepção, a escola em que você trabalha oferece condições para o desenvolvimento de uma prática docente investigativa, considerando a formação de professores e condições de trabalho? Quais dificuldades encontradas?”. A partir da análise de nuvem de palavras, verificou-se que os termos mais frequentes foram “não” (21 vezes), “escola” (14 vezes), “muito” (9 vezes), “precisar” (7 vezes), “formação” (6 vezes), “aluno” (6 vezes), “pesquisa” (5 vezes) e “oferecer” (5 vezes).

A análise de similitude apresentou a concentração das respostas em 2 núcleos centrais. O primeiro “não” do qual se associavam os elementos “oferecer” e “muito”. O segundo núcleo apresentou como principal palavra “escola” e deste núcleo surgiram mais três agrupamentos, dos quais se sobressaem os vocábulos “pesquisa”, “formação” e “aluno”.

Nesse sentido, percebe-se que a palavra mais freqüentes nas respostas das duas professoras, “não”, se relaciona mais com a ideia de “muito” e “oferecer”, enquanto a segunda plavras mais citada, “escola”, vai agregar um número maior de palavras, apresentando, inclusive, novas organizações compostas pelas palavras “pesquisa”, “formação” e “aluno”.

Esta análise alcança compreensão à medida que a escola que serviu como *lócus* da pesquisa não oferece formação continuada, e nem tão pouco as possibilidades para uma prática docente investigativa para as/os professoras/es que integram seu quadro funcional, consoante às narrativas das professoras entrevistadas. Desse modo, destacam-se as respostas dadas pelas docentes:

[...] estou passando por um dos momentos mais difíceis do meu trabalho, porque a escola não oferece o que é de sua responsabilidade. [...] Se não formos por nós mesmas enquanto profissionais para buscarmos, a escola não oferece, infelizmente. (Professora Souza)

A escola é muito carente, principalmente em subsídio tanto para o professor quanto para o que o aluno precisa, porque quando a gente propõe uma pesquisa



para o aluno, ele precisa de condições para desenvolver essa atividade e a escola deve oferecer essas condições [...]. Não contamos nem com internet, pois o sinal é muito fraco e não chega até as salas, se o aluno precisa usar internet para uma atividade de pesquisa tem que ir ao pátio e muitas vezes não consegue sinal de internet também [...] Para desenvolver uma aula diferente dentro da escola é muito difícil [...] E não tem como trabalhar com o aluno apenas com o quadro, o pincel e o apagador [...] Ao que se refere à formação continuada sistematizada dentro da própria escola, não acontece. (Professora Leite)

O conjunto de resultados expostos, análises e transcrições das entrevistas, indicam a ausência da formação e do investimento à pesquisa dentro da escola e junto aos resultados somam-se a angústia e preocupação das professoras em não poderem oferecer um ensino de qualidade, baseado na investigação e na criticidade para seus/as alunos/as, mesmo fazendo o melhor que conseguem.

A Professora Souza enfatiza a necessidade da busca e da responsabilidade pessoal em relação à formação continuada, pois se não fizerem dessa forma não terão avanços em sua formação e nem novidades para a prática pedagógica. Ao tratar sobre o trabalho docente em uma perspectiva da autonomia didática e construção do saber pedagógico, Azzi (2012, p. 65) exterioriza a ideia de que: “O professor, responsável direto pelo cotidiano da sala de aula, apresenta-se, então, como mais ou menos qualificado para exercer sua função, com maior ou menos autonomia e controle sobre seu processo de trabalho”.

A Professora Leite enfatiza a importância de uma aula diferenciada, com o uso das tecnologias, com encaminhamentos de pesquisa, mas essa compreensão esbarra nas dificuldades enfrentadas no cotidiano do seu trabalho, uma vez que a escola não dispõe de material didático, internet, recursos tecnológicos e, muito menos, oferece formação continuada para seus docentes.

Sob esse viés, Imbernón (2009, p. 31, 32) cita alguns obstáculos que se somam à ausência de formação continuada e pouca perspectiva de pesquisa no ambiente escolar, os quais também foram mencionados pelas professoras entrevistadas:

A falta de coordenação, acompanhamento e avaliação por parte das instituições e serviços envolvidos nos planos de formação permanente. [...]. A formação em contextos individualistas, personalistas [...] o contexto individual significa que o processo de formação se produz descontextualizado, sem considerar a realidade de cada professor ou do coletivo [...].

Evidencia-se, portanto, a gravidade inerente ao sucateamento das escolas públicas brasileiras, o descaso dado, sobretudo, ao trabalho docente, culminando em uma educação pública precária e com poucas possibilidades de avanço.

O segundo questionamento formulado foi mais uma solicitação para que pensassem em uma alternativa para os problemas elencados anteriormente: “A partir da sua compreensão, aponte possibilidades para o desenvolvimento de uma prática investigativa na docência, considerando a educação básica”.

A nuvem de palavras mostrou que a palavra “escola” foi a que mais apareceu (8 vezes). Outros vocábulos que também tiveram destaque foram “mais” (5 vezes) e “pesquisa” (4 vezes). Na análise de similitude, as duas narrativas deram origem a um mesmo esquema, o qual “escola” aparece no centro e em volta os verbetes “pesquisa”, “mais”, “auxiliar” e “dentro”.

Por meio desta análise, é possível afirmar que uma prática docente embasada na pesquisa deve acontecer, principalmente, na/para/com a escola. As práticas docentes de **pesquisa** devem acontecer **dentro** da **escola** e com **mais** investimentos para **auxiliá-las**. Assim, as transcrições comprovam os resultados mostrados:

Deveria começar pelas pessoas que estão à frente da escola, elas deveriam se aprofundar mais, se apropriar do papel delas e nos acompanhar melhor, nos auxiliar no pedagógico, isso é muito importante. A escola ser mais equipada, como ter sala de informática, é um sonho, ainda é um sonho para nossa educação básica. A questão tecnológica, como melhorar a internet que é de péssima qualidade, não atende a escola toda, muitas vezes você pesquisa algo, já baixa porque não pode abrir na sala por falta de internet, estamos em 2024 e ainda vivenciamos isso. As primeiras coisas seriam essas: o reforço da estrutura da escola, mais ampliação tecnológica, a gestão sendo mais preparada para daí reforçar a pesquisa docente na prática docente. (Professora Souza)

Formação continuada dentro da escola, ter o momento de sentar com o coordenador e de buscar, de lapidar essa prática investigativa; ter mais acesso à tecnologia dentro do nosso tempo de estudo e de planejamentos [...] e conseguíssemos fazer todas as atividades na própria escola; ter um bibliotecário para lhe auxiliar melhor nas pesquisas na biblioteca; uma biblioteca que fosse em um espaço propício para a pesquisa; um laboratório de informática bem equipado [...]; de profissionais que possam nos auxiliar dentro desse laboratório e nos demais espaços que houver necessidade; a estrutura física e de funcionários e de muitas condições que a escola precisa oferecer para o aluno e para professor. (Professora Leite)

As reflexões construídas pelas professoras apontam para uma escola precarizada e acometida por muitos problemas advindos de uma educação pública deficiente. As docentes não propõem algo utópico ou supérfluo, buscam apenas o necessário para desenvolver um trabalho pedagógico de qualidade, a fim de favorecer a aprendizagem dos alunos e de construir um caminho formativo sólido, coerente com o que se espera do magistério.

As professoras desejam ter acompanhamento pedagógico, uma gestão preparada, equipamentos, espaços e profissionais para auxiliarem no trabalho de ensino e aprendizagem que deve ocorrer no interior das escolas. As professoras apenas buscam uma oportunidade para desenvolver uma prática pedagógica investigativa.

Mas como ser um/a professor/a pesquisador/a, realizar atividades de aprendizagens significativas, autorais e emancipatórias para os/as alunos/as em um cenário de precarização de educação básica, com salas de aula superlotadas, sem tempo suficiente para o estudo e a pesquisa na escola, sem incentivos? De fato, é muito difícil, mas é necessário resistir e verem-se como protagonistas dessa missão. Em entrevista ao canal Talk Ciência 23ªEd<sup>4</sup>, Demo disse que um dos grandes vazios da escola é o professor que não sabe pesquisar. Segundo ele, se o professor não for pesquisador ele vai apenas dar aulas, apenas reproduzir e isso não vai acrescentar nada na vida do aluno.

Ao escrever os saberes necessários à prática educativa, Freire (2022, p. 30, 31) enfatiza que,

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Para Freire não há espaço para dicotomizar pesquisa e ensino, eles estão entrelaçados e fazem o trabalho docente existir e ter sentido. Sob esta ótica, a educação básica precisa priorizar uma formação continuada horizontalizada, favorecer condições para um trabalho pautado na pesquisa, favorecendo, dessa forma, uma prática autônoma.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa reforçou a urgência de reestruturação da escola pública. Os/as profissionais do magistério precisam perceber a importância da pesquisa para sua prática e ao perceberem-se como tal, necessitam de respaldo para que as práticas de pesquisa não caiam apenas no vazio do discurso, mas que perpassem cada docente, cada estudante e se possa perceber uma educação transformadora e libertadora cada vez mais presente nas escolas públicas do Brasil.

---

<sup>4</sup> Disponível em: [TALK CIÊNCIAS 23ªEd - Pedro Demo: A pesquisa como princípio educativo. \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...). Acesso em 06 jan. 2024.

Por meio das reflexões tecidas, novas perguntas de pesquisa surgiram: como ser um/a professor/a pesquisador/a? Como realizar atividades de aprendizagens significativas, autorais e emancipatórias em um cenário de precarização da educação básica, com salas de aula superlotadas? Como construir um espaço de acolhimento das necessidades docentes? Estas indagações preparam terreno para outras investigações a fim de trazer visibilidade às vozes de professores/as que, muitas vezes, são silenciadas.

## REFERÊNCIAS

- AZZI, S. Trabalho docente: autonomia didática e construção do saber pedagógico. In PIMENTA, S. G. (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. **Tutorial para uso do software Iramuteq**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018
- DEMO, P. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- FRANCO, M. A. R. S. **Pedagogia e prática docente**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- FRANCO, M. A. S. Formação continuada de/para/com docentes: para quê? para quem? In: IMBERNON, F.; NETO, A. S.; FORTUNATO, I.; (org.). **Formação permanente de professores: experiências ibero-americanas**. São Paulo: Edições Hipótese, 2019. p. 96-109.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 73 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- LIMA, M. S. **A formação contínua dos professores nos caminhos e descaminhos do desenvolvimento profissional**. Tese de Doutorado – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, 2001.
- NÓVOA, A. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa: 2009.
- SAVIANI, D. Educação no Brasil: concepção e desafios para o século XXI. **Revista HISTEDBR on-line**, Campinas, n. 3, jul. 2001.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.